

Prof. Firmino Marsíco Filho – HUVET-UFF, Niterói, Rio de Janeiro. O único critério de inclusão foi o animal ter sido trazido com queixa principal de prurido. O questionário foi aplicado aos proprietários imediatamente antes da consulta e todos assinaram uma permissão, concordando com o uso das informações. Inicialmente eram registrados nome, idade, sexo e a raça do animal. As primeiras perguntas do questionário referiam-se à intensidade/frequência da coceira, locais mais afetados e época em que o responsável pelo animal percebeu o sintoma. O restante das perguntas era assinalado simplesmente com “sim” ou “não”. As questões 1, 2, 3 e 4 avaliaram a percepção do prurido por parte do tutor do animal. As atividades da rotina do dono e do cão, bem como a convivência/relacionamento de ambos, foram avaliadas pelo restante das questões. Através das respostas, foi possível perceber se houve alteração na rotina do núcleo familiar no qual o cão está inserido e na qualidade de vida do próprio animal. **Resultados preliminares e discussão:** Deve-se ressaltar que o foco da pesquisa eram o prurido e o relacionamento cão/tutor, por isso não foi identificada a causa base, o diagnóstico e tratamento também não foram acompanhados. Até o presente momento, os questionários foram aplicados a 23 animais, dentre eles 16 fêmeas e sete machos. A idade dos cães variou de um a 14 anos. Oito cães eram sem raça definida (SRD) e os outros 15, de nove diferentes raças, sendo elas: Poodle (quatro), Yorkshire (três), Teckel (dois), Pastor Canadense, Lhasa Apso, Shih Tzu, Labrador, Pinscher e Pug. Os resultados demonstraram que os locais mais acometidos foram dorso (11 animais), pescoço (oito animais) e patas (nove animais), podendo o mesmo animal ter sido acometido em mais de um local citado, e que 14 proprietários (60,87%) perceberam lesões de autotramatismo nos locais mais pruriginosos. Foi observado que 56,52% notaram o sintoma desde que o animal era filhote. Quando questionados sobre a intensidade do prurido, 39,13% dos tutores identificaram-no como “muito frequente”, que era classificado como coceira durante a maior parte do dia; 30,43%, como “relativamente frequente”, que era descrito como um prurido mais ocasional; e 30,43% identificaram-no como “exageradamente frequente”, ou seja, coçava o dia inteiro. O questionário mostrou que todos os proprietários consideraram o prurido a queixa principal e 22 tutores (95,65%) relataram que se sentiam angustiados/desconfortáveis com o prurido do animal, provando que este tinha impacto na sua própria vida. Dentre os cães avaliados, 13 acordavam para se coçar, segundo seus proprietários, e, destes, dez relataram que tinham seu sono interrompido por esse fato. Treze animais paravam de brincar ou de comer para se coçar, e dez destes estão incluídos no grupo dos que também acordavam para se coçar. Dez relataram que consideravam seu animal feio e sete se sentiam constrangidos ou envergonhados com a aparência física do animal. Quatro mudaram a conduta com relação ao passeio, deixando de levar o animal à rua ou diminuindo a regularidade devido ao aparecimento dos sinais clínicos. Oito cães dormiam na cama junto aos seus donos e, destes, dois deixaram de dormir após o aparecimento dos sintomas. Os resultados preliminares mostraram que, apesar de terem sido observadas alterações em pelo menos alguma atividade da rotina da família ou na do cão, em todos os casos, 19 tutores (82,61%) relataram que não houve restrição do contato com o animal, mostrando que, de maneira geral, a relação afetiva não foi alterada. Apesar de limitações, como não terem sido distinguidos animais em revisão de animais em primeira consulta, e do número reduzido de animais abordados, a ferramenta foi eficiente em seu propósito, pois foi possível notar que o prurido do cão afetou não só a qualidade de vida do próprio, mas também a do seu núcleo familiar, já que todos os questionários demonstraram alteração de pelo menos uma atividade da rotina, sendo o desconforto de ver o animal se coçando e a interrupção do sono do dono as queixas mais observadas. **Conclusão:** Este estudo possibilitou a criação de um questionário que avalie a qualidade de vida de cães pruriginosos, e como este sinal clínico afeta a rotina do núcleo familiar no qual o animal está inserido, sendo necessário novos

estudos para desenvolvimento e aperfeiçoamento da ferramenta. Pode-se intuir que controlar o prurido é essencial para a harmonia da convivência interespecífica do cão e sua família, alertando para a inclusão de uma rotina antipruriginosa, particularmente nos animais que apresentam o sintoma com certa frequência.

### HIPERTIREOIDISMO FELINO: RELATO DE CASO

PEREIRA, A.L.R.A.<sup>1</sup>; ZANETTE, M.F.<sup>2</sup>; ROSSI, C.N.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Paulista – UNIP, Campinas

<sup>2</sup> Prof. MSc. Adjunto de Clínica Médica da Universidade Paulista – UNIP, Campinas

<sup>3</sup> Prof. Dr. Titular de Clínica Médica da Universidade Paulista – UNIP, Campinas

E-mail: andreal.alvesp@gmail.com

**Introdução:** Hipertireoidismo (HTD) normalmente acomete gatos com idade superior a oito anos e é causado pela produção excessiva de hormônios tireoidianos, devido a uma hiperplasia ou neoplasia envolvendo um ou ambos os lobos da tireoide. As principais alterações clínicas são: perda de peso (PP), polifagia (PF), hiperatividade, poliúria (PU), polidipsia (PD), êmese, diarreia e agressividade, além de intercorrências como cardiomiopatia hipertrófica, insuficiência renal, infecções do trato urinário e hipertensão sistêmica. As anormalidades bioquímicas incluem elevação das dosagens de ALT, FA e T<sub>4</sub> total sérico, sendo esta última a principal indicação para o diagnóstico. O tratamento pode incluir terapia farmacológica, tireoidectomia ou iodo radioativo. O Metimazol é, atualmente, o fármaco de escolha, devido à baixa incidência de reações adversas. A maioria dos gatos tornam-se eutireoideos em duas a três semanas de terapia, sendo recomendado o monitoramento de T<sub>4</sub> total após esse período para ajuste da dose. **Relato de caso:** Felino, macho, 11 anos, sem raça definida, 2,45 kg, com queixa de agressividade, PP progressiva há oito meses, PF, êmese, PU e PD, o qual já havia sido atendido por 11 colegas. O paciente tinha histórico de ser dócil com a família e já ter pesado 8,0 kg antes do início do quadro. Ao exame físico, encontrava-se irascível, caquético, e sua tireoide, palpável. Foram realizados hemograma, creatinina, uréia e frutossamina, sendo os resultados normais para a espécie, além de ALT e T<sub>4</sub> total, cujas dosagens se encontravam em níveis elevados, confirmando HTD. Foi prescrito Metimazol (2,5 mg/BID), tendo sido relatada, após dois meses de terapia, diminuição da agressividade, da PU, PD e PF, além de visível ganho de peso, que chegou a 1,2 kg após 5 meses da sua instituição. O ecodopplercardiograma descartou cardiomiopatia hipertrófica. Um dos seus descendentes apresentou, aos oito anos, a mesma doença. **Discussão:** O quadro clínico do paciente é, segundo a literatura, compatível com a enfermidade, sendo, o diagnóstico, baseado no histórico, sinais clínicos e exames laboratoriais. Ressalte-se a característica hereditária da enfermidade e o sucesso da terapia medicamentosa, mesmo em baixa dose. **Conclusão:** Trata-se de importante suspeita diagnóstica em gatos de meia idade a idosos que apresentam sinais clínicos sugestivos e alterações laboratoriais compatíveis com HTD.